

## O professor reflexivo no Metrô linha 743

El profesor reflexivo en la línea 743 de Metro

The reflexive teacher in Metro line 743

Artigo | Artículo | Article

Data de recepção  
Fecha de recepción  
Reception date  
**26 de mayo de 2016**

Data de modificação  
Fecha de modificación  
Modification date  
**6 de agosto de 2016**

Data de aceitação  
Fecha de aceptación  
Date of acceptance  
**12 de septiembre de 2016**

**Marcelo Silva de Souza-Ribeiro**

Universidade Federal do Vale do São Francisco  
Petrolina, PE / Brasil  
mribeiro27@gmail.com

### Resumo

Este texto propõe discutir a pertinência da abordagem do professor crítico-reflexivo para formação docente, mas ao mesmo tempo apontar as dificuldades para a sua realização na dimensão do exercício profissional. Do ponto de vista da sua tessitura e de sustentações argumentativas, o texto traz alguns aspectos da realidade brasileira, sobretudo do campo social e político, onde considera que movimentos conservadores, aliados ao incremento do neotecnismo na educação, têm levado à impossibilidade da realização de uma proposta crítica-reflexiva do fazer docente. O texto finaliza com a metáfora da música, Metrô linha 743, do compositor e cantor brasileiro, Raul Seixas, apontando para uma sociedade onde não mais cabe a reflexão, o pensamento crítico.

**Palavras-chaves:** professor reflexivo, políticas educacionais, formação docente, neoliberalismo, crítica social.

### Resumen

El presente texto se propone discutir sobre la pertinencia de la perspectiva del profesor crítico-reflexivo en la formación docente y paralelamente señalar las dificultades de su realización en el ejercicio profesional. Desde el punto de vista de su tesitura y fundamentos de base, el texto trae algunos aspectos de la realidad brasileña, sobre todo del campo social y político, donde se considera que los movimientos conservadores, junto con el incremento de una perspectiva neotecnista en la educación ha dado lugar a la imposibilidad de llevar a cabo una propuesta crítico-reflexiva de la tarea docente. El texto termina con la metáfora de la música Metro, línea 743 del compositor y cantante brasileño Raúl Seixas, que apunta a una sociedad en la que ya no cabe la reflexión ni el pensamiento crítico.

**Palabras claves:** profesor reflexivo, políticas educativas, formación del profesorado, neoliberalismo, crítica social.

Referencia para citar este artículo: Silva de Souza-Ribeiro, M. (2016). O professor reflexivo no Metrô linha 743. *Revista del Cisen Tramas/Maepova*, 4 (2), 41-47.

---

**Abstract**

---

This text aims to discuss the relevance of the critical-reflexive teacher approach to teachers' education, also pointing out the difficulties in its implementation in the dimension of professional practice. From the viewpoint of its structure and argumentative support, the text exposes some aspects of the Brazilian reality, especially from the social and political field, considering that conservative movements, combined with the increase of a neotechnicalist approach to education, have led to the impossibility of carrying out a critical-reflexive proposition with respect to the work of teachers. The text closes with the metaphor of the song "Metrô linha 743", from Brazilian composer and singer Raul Seixas, pointing to a society in which reflection and critical thinking no longer fit.

**Keywords:** reflexive teacher, educational policies, teachers' education, neoliberalism, social criticism

---



## INTRODUÇÃO

**S**endo professor, em especial, da disciplina educação, políticas públicas e inclusão, do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, na região do semiárido brasileiro, tenho sentido uma grande dificuldade de entrar em sala de aula com aquela animação que já era acostumado. Os últimos acontecimentos políticos do Brasil tem me deixado abatido o suficiente de modo que não me sinto animando os estudantes, no sentido de se engajarem no caminho de uma educação libertadora. Tento, entretanto, procurando novas perspectivas em diálogos com colegas e os meus leitores para me esperar, naquele sentido freiriano (FREIRE, 1992). Assim, espero que este singelo texto possa provocar e alimentar, de alguma forma, o leitor, mas também que eu possa me resignificar e continuar na direção do que mais gosto de fazer, ou seja, de dar aula olhando para um futuro menos injusto e refletindo sobre nossas práticas.

Durante uma boa parte do meu percurso como docente, sobretudo vinculado a programas de formação de professores, tenho depositado confiança e colhido interessantes resultados em relação a abordagem do chamado "professor reflexivo". No que pese as procedentes críticas a esta abordagem, concernente ao seu possível viés neoliberal, tenho assumido uma vertente mais crítica da mesma, onde tento articular contribuições como as dos clássicos Donald Schön (2000), Philippe Perrenoud (2002; 1997), Habermans (1987) e Paulo Freire (1996; 1987; 1992), só para citar alguns.

Tanto a prática em sala de aula, quanto o que consigo apreender em diversos contextos educacionais, tem me revelado a importância dessa abordagem para o desenvolvimento profissional do professor, sobretudo no que diz respeito a conquista e ampliação da autonomia, da postura crítica-reflexiva, da criatividade, do autoconhecimento e de

uma série de habilidades e competências relativas as dimensões pessoais e profissionais.

Apesar de toda essa positividade, que certamente me mobiliza a continuar trilhando e explorando esse caminho, como professor e pesquisador, tenho notado, reiteradamente, um grave óbice a proposta da abordagem do professor reflexivo. A grande questão tem, muito provavelmente, sua origem na construção das políticas voltadas para a educação, principalmente aquelas que caem sobre o professor.

Em termos práticos, os professores tem expressado sua enorme dificuldade de viver as ações reflexivas justamente porque estão tomados pelos afazeres mecânicos e produtivistas, que experienciam no amargor da exaustão. Muitos desenvolvem a síndrome de *burnout*. No folheto do Sindicato dos professores do Município do Rio de Janeiro e Região - SinproRio (gestão 2008 – 2011), há denúncia de que os professores são a terceira categoria mais atingida por esta síndrome, o que é corroborado também pelos estudos de Carlotto (2002) ao explicitar as causas, ou seja, as condições de trabalho docente.

Mesmo com muitas dificuldades, sobretudo relativas a abertura das gestões municipais e estaduais do Brasil em mudarem suas políticas, tornando-se, efetivamente, mais democráticas, e o incremento de financiamentos mais condizentes com as reais necessidades da educação escolar, a sociedade brasileira, nos últimos 20 anos, presenciou melhorias significativas no campo da educação, basta consultar os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP para se ter uma noção desses avanços. Só para dar uma ideia geral dessas melhorias é possível citar: a) a criação de dezenas de novas universidades federais, sobretudo no interior do país e em regiões mais pobres (a Univasf é uma dessas); b) a educação infantil passou a fazer parte da educação básica, tendo garantia de financiamento; c) a universalização da oferta de vagas para o ensino fundamental; d) aumento da qualificação dos professores da educação básica.

Porém, os recentes acontecimentos, de ordem política e econômica que estão acometendo o país, tem esgarçado alguns desses suados avanços. É certo que a atual crise política brasileira é um epicentro de um movimento, de uma reação que vem sendo forjada ao longo dos anos, tendo como base as forças conservadoras da sociedade.

A seguir trarei algumas marcas dessas reações e como os avanços estão sendo ameaçados, repercutindo, inclusive, na impossibilidade de uma política voltada para o professor crítico-reflexivo.

### O AVANÇO NEOLIBERAL E AS FORÇAS CONSERVADORAS NA POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA

Em 2012 o Ministério da Educação (MEC) lançou uma cartilha para orientar e instrumentalizar os professores nos processos da educação sexual, mas também tocando em questões de gênero, diversidade sexual, etc. Como muitos puderam acompanhar, a reação de uma parte da sociedade (a parte mais conservadora) foi avassaladora, culminando com a retirada da cartilha e com a inibição de tais políticas.

Em 2015 a Câmara de Vereadores de Petrolina (Pe), na esteira de

outros municípios, aprovou a Lei N° 15.507<sup>1</sup> de 21 de maio de 2015, que versa sobre a proibição do uso de celulares em ambientes escolares, dentre outros espaços.

Art. 1º Fica proibido o uso de aparelhos celulares e equipamentos eletrônicos nas salas de aula, nos estabelecimentos públicos e privados, estabelecimentos de saúde e outros, bibliotecas, espaços de estudos das instituições de ensino, teatros, cinemas, salões de conferências, auditórios, templos religiosos, posto de combustíveis, hospitais (UTI, centro cirúrgicos, serviços radiológicos), Instituto Médico Legal (IML), maternidade, consultórios médicos...

Tal lei reproduz a Lei estadual N° 15.507, de 21 de maio de 2015. Do ponto de vista das profícuas relações entre educação escolar e as novas tecnologias isto é considerado um retrocesso e uma perda de oportunidade no que diz respeito a educação de jovens na convivência sustentáveis com essas chamadas novas tecnologias (RIBEIRO, AMORIM e BITENCOURT, 2015).

Também recentemente vivemos a polêmica da lei que versa sobre a redução da maior idade penal e mesmo com todas as inconsistências, contradições e provas de suas futuras ineficácias, ganhou adesão pujante na mídia e sociedade. Tudo indica que jovens de 16 anos vão ser tratados pelo mesmo código civil que adultos. Isto se efetivando vai rasgar com o precioso Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, um dos importantes marcos e expressões do estado de direito da sociedade brasileira. O EAC que indica o limite da maior idade para aos 18 anos e assegura toda uma política especial para os jovens infratores, inclusive via programas educativos.

Outro ataque que a educação vem sofrendo é a chamada “Lei da Mordaça”, que veta temas como sexualidade, religião e política nas escolas. Os projetos de “lei da mordaça” (em muitos lugares ainda são projetos) estão sendo propostos e tem ganhado adesão em vários estados e municípios da federação, como é o caso de Campo Grande (MS), Maceió (AL), e mesmo no plano estadual, como o estado de São Paulo, etc.

Esses ataques expressam, como já sinalizado anteriormente, pelo menos a partir da minha perspectiva, uma reação às conquistas que a educação brasileira teve nas últimas décadas, sobretudo no que diz respeito as suas dívidas seculares às chamadas minorias, a uma escola laica e ao princípio de uma educação republicana.

Por fim, para não ser tão cansativo, porque exemplos não faltariam, trago mais dois movimentos que tendem a atacar diretamente a possibilidade dos docentes terem uma condição mínima de exercerem suas capacidades reflexivas no exercício intencional da docência, que são: a política de meritocracia do desempenho funcional, em outras palavras, a política de bônus (o professor que atingir metas de desempenho ganha um bônus) e a política reprodutivista, que visa diminuir a hora / atividade para o planejamento (hoje corresponde a 1/3 das atividades docentes).

Esses dois movimentos, em particular, se concretizados em políticas de impacto nacional, vão dar “o tiro de misericórdia” e enterrar a

<sup>1</sup> <http://legis.alepe.pe.gov.br/dadosReferenciais.aspx?indicenorma=4207>

possibilidade do docente viver suas capacidades reflexivas críticas, repercutindo na autonomia, na criatividade e até mesmo na saúde do trabalhador da educação.

A política de meritocracia, sem adentrar em análises minuciosas, tende a conduzir o trabalhador docente numa relação produtivista, de resultados aparentes e acirrar a competitividade entre os pares, sem falar das implicações quando se considera as precárias condições de trabalho, em muitos contextos escolares.

A redução da hora / atividade, que hoje é assegurada do Piso Salarial Profissional Nacional –Lei nº 11.738, de 16/7/2008, que estabelece 2/3 voltados para hora /aula e 1/3 para o planejamento, propõe que sejam 3/4 para hora /aula e 1/4 para o planejamento. Se com a Lei em vigor já é quase impossível o professor efetivamente planejar suas atividades, imagine com essa diminuição!

### À GUIA DE CONCLUSÃO

Sem dúvidas, fica evidente o quanto esses movimentos e políticas, num misto de movimentos e políticas reacionárias (porque são reações às conquistas) e neoliberais, tendem a empurrar o professor para um poço sem fundo onde restará tão-somente o labor, no dizer de Hannah Arendt (ARENDR, 1989). Em outras palavras, isso significa dizer que o professor está entrando de vez na linha produtivista, *à la* linha produtivista fordista (ainda nem seria uma versão taylorista). O que importa é a produção, a quantidade, os resultados auferidos pelos testes, o volume de matrícula, a aprovação, a execução de tarefas, o seguir as cartilhas prontas que vem das secretarias e mais recentemente de institutos e ongs (das secretarias terceirizadas). Para que serviria, então, um professor pensante, reflexivo? Para autonomia? As informações já estão dadas e o mercado quer resultados, pautados, obviamente naquela moral da família e de Deus (claro que aqui me refiro a uma perspectiva ideológica que discursa a partir da defesa moral de uma família e de um Deus). O que resta do professor, que já é mal pago, que vive condições de trabalho aviltantes? E de novo, para que pensar, para que refletir?

Isto me fez lembrar de uma música do Raul Seixas, “Metrô Linha 743”

Ele ia andando pela rua meio apressado  
 Ele sabia que tava sendo vigiado  
 Cheguei para ele e disse: Ei amigo, você pode me ceder um cigarro?  
 Ele disse: Eu dou, mas vá fumar lá do outro lado  
 Dois homens fumando juntos pode ser muito arriscado!!  
 Disse: O prato mais caro do melhor banquete é  
 O que se come cabeça de gente  
 Que pensa e os canibais de cabeça descobrem aqueles que pensam  
 Porque quem pensa, pensa melhor parado!  
 Desculpe minha pressa, fingindo atrasado  
 Trabalho em cartório mas sou escritor,  
 Perdi minha pena nem sei qual foi o mês

Metrô linha 743!!

O homem apressado me deixou e saiu voando  
 Aí eu me encostei num poste e fiquei fumando  
 Três outros chegaram com pistolas na mão,  
 Um gritou: Mão na cabeça malandro, se não quiser levar chumbo  
 quente nos cornos  
 Eu disse: Claro, pois não, mas o que é que eu fiz?  
 Se é documento eu tenho aqui...  
 Outro disse: Não interessa, pouco importa, fique aí!  
 Eu quero saber o que você estava pensando  
 Eu avalio o preço me baseando no nível mental  
 Que você anda por aí usando  
 E aí eu lhe digo o preço que sua cabeça agora está custando  
 Minha cabeça caída, solta no chão  
 Eu vi meu corpo sem ela pela primeira e última vez

Metrô linha 743

Jogaram minha cabeça oca no lixo da cozinha  
 Eu era agora um cérebro, um cérebro vivo à vinagrete  
 Meu cérebro logo pensou: que seja, mas nunca fui tiéte  
 Fui posto à mesa com mais dois  
 E eram três pratos raros, e foi o maitre que pôs  
 Senti horror ao ser comido com desejo por um senhor alinhado  
 Meu último pedaço, antes de ser engolido ainda pensou grilado:  
 Quem será este desgraçado dono desta zorra tôda?  
 Já ta tudo armado, o jogo dos caçadores canibais  
 Mas o negócio é que dá muito bandeira  
 dá bandeira demais meu Deus  
 Cuidado brother, cuidado sábio senhor  
 É um conselho sério prá vocês  
 Eu morri e nem sei mesmo qual foi aquele mês

Metrô linha 743!!!!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, H. A (1989). *Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Carlotto, M. S. (2002). A síndrome de burnout e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 7, (1), 21-29.
- Freire, P. (1996a). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1996b). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Habermas, J. (1987). *Teoria da ação comunicativa. Volume I: Racionalidade de ação social e racionalização*. Taurus: Madrid.
- Perrenoud, P. (2002). *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Perrenoud, P. (1997). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas*. Lisboa: Dom Quixote.

- Ribeiro, M.S. de S.; Amorim, R. y Bitencourt, R. (2015). *Entre respostas rápidas e um fracasso anunciado: A Lei que proíbe do uso de celulares em espaços públicos*. Texto não publicado. Petrolina, Brasil.
- Schön, D. (2000). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- SinproRio. (2011). Sindicato dos professores do Município do Rio de Janeiro e Região Cartilha bournout gestão 2008-2011. Disponível em [www.sinpro-rio.org.br/download/cartilhas/burnout.pdf](http://www.sinpro-rio.org.br/download/cartilhas/burnout.pdf)